
RESENHA

SEMENTES CRIOULAS E RESISTÊNCIA AOS CULTIVOS TRANSGÊNICOS

Obra resenhada:

TAIT, Márcia Maria. **Elas dizem não!** Mulheres camponesas e a resistência aos cultivos transgênicos. São Paulo: Editora Librium. 2015.

Suellen S. S. Costa¹



Não distante do debate atual da América Latina sobre o movimento de mulheres camponesas, Márcia Tait traz em seu texto o resultado de um background acumulado desde seu mestrado: a crítica ao modelo hegemônico de agricultura (agronegócio), crítica ao cientificismo que norteia a biossegurança brasileira e a resistência de atores rurais a este modelo, do ponto de vista ético.

Nesse livro, a autora dialoga com as demandas atuais de movimentos, como a Coordenadora Latinoamericana de Organizaciones del Campo (CLOC-Via Campesina), criada no Peru e existente em 18 países, com o discurso político de fortalecimento de um movimento feminista popular. Não obstante, no Brasil tem crescido a organização das mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), as quais, no último congresso de agroecologia, que ocorreu em Belém do Pará, em 2016, ocuparam um espaço no salão principal do congresso para discutir temas concernentes às mulheres e à agroecologia com o slogan: “sem feminismo não há agroecologia”, demonstrando a pertinência e atualidade do tema.

O livro é resultado de sua tese de doutorado defendida em 2014 pela Universidade Estadual de Campinas. Em termos de estrutura, o texto conta com uma apresentação formulada por Emma Siliprandi e um prólogo assinado

¹ Zootecnista, mestre em Agriculturas Amazônicas. Belém, PA. suellencosta@hotmail.com

por Alicia H. Puleo. Os dois capricham na condução da leitura à introdução e, subsequentemente, aos demais oito capítulos do livro.

Com um título ousado, seu livro desperta imediatamente o interesse pela relação entre as mulheres estudadas sob o recorte da Argentina e do Brasil quanto à questão dos transgênicos. O livro se mostra surpreendente quando a autora percebe que os transgênicos se tornam pano de fundo para o que realmente é foco em seu trabalho: a resistência por meio do cultivo de sementes crioulas.

A resistência às sementes transgênicas é uma consequência da valorização das sementes crioulas pelas camponesas e, em dado momento do texto, esta semente serve de metáfora para a compreensão do poder simbólico dessa guarda e da construção da identidade da mulher camponesa e do feminismo no meio rural. Faz-se, portanto, uma analogia entre a semente crioula e as mulheres, marginalizadas e desconsideradas pelo modelo hegemônico (de agricultura e em prol do patriarcado).

Dessa maneira, Tait mostra que, ao longo dos anos, as mulheres vêm construindo o que chama de epistemologias “do Sul”, dizendo NÃO aos pacotes tecnológicos propostos pela Revolução Verde que perpetuam com base androcêntrica e patriarcal, orientando a economia capitalista.

Por fim, a autora conclui que as demandas e lutas atuais da mulher camponesa ultrapassam a questão territorial e também incluem o direito à participação política, divisão sexual do trabalho e preservação do meio ambiente, de modo que também atinjam objetivos econômicos e autonomia econômica.

O grito do título do livro não é esperado pelos leitores, assim como não se espera de uma mulher camponesa a negação. No entanto, Tait contribui com os estudos sobre mulheres rurais, mostrando um movimento de camponesas insubordinadas em suas ações, e articulações políticas e sociais, de modo a construir cada vez mais a identidade da mulher camponesa combativa e o feminismo que dialoga com essas bases. É um livro que conversa com o que pode ser observado nos trabalhos sobre mulheres rurais dos últimos anos e que dialoga tanto com a academia quanto com os movimentos sociais em geral.

Trabalho recebido em 28 de novembro de 2016 e aceito em 7 de agosto de 2017.